

Mérove de Almeida Garrett

Tinha dezoito anos quando fiz esta tragédia; foi nos meus últimos tempos de Coimbra, tempos de memória saudosa porque eram todos de inocência e de esperança. Não sei se é por isso que ainda tenho amor a tão imperfeito ensaio, e me não atrevo a queimá-lo, como fiz a tantos versos e a tantas prosas da minha criancice. Mas parece-me que não, e que só o conservo pela sincera vontade de mostrar como comecei a engatinhar na carreira dramática com as andadeiras clássicas e aristotélicas que a ninguém se tiravam ainda então em Portugal.

Romantismo, cá o houve sempre; essa moléstia, se tal é, esse andaço de bexigas, como já lhe ouvi chamar, nunca saiu da nossa Península, Mas a vacina, como a prepararam Goethe e Scott, essa é que não havia; e creio que fui eu que a introduzi,

Deus me perdoe se fiz mal. Já começo a desconfiar que sim Vejo tanta bexiga negra e maligna, vejo morrer delas tanto rapaz de esperanças!

Ora! – ninguém morre senão quem tem de morrer. – Morriam a fazer odes pindéricas e sonetos de anos, que é a moléstia mais nojenta, e a morte mais sensabor que há. Ao menos este delírio da febre romântica faz dizer, com muito desvario, muita coisa de espírito sublimidades às vezes.

Sempre foi bom vaciná-los; nunca hão-de morrer todos. E a moléstia já nos andava no sangue. Eu sentia-a em mim; e agora que passei pelos olhos esta *Mérove*, acho-lhe bem visíveis os sintomas.

De propósito a corrijo pouco, já que a dou ao público, não como obra literária, senão como documento de história literária,

Leiam-na com indulgência.

Digo que tinha dezoito anos quando escrevi a *Mérove*, Mas tinha doze quando comecei a pensar nela. Estava eu na ilha Terceira, e cheio de presunções de helenista porque um santo velho que ali havia, o Sr. Joaquim Alves – excelente homem que usava do mais esquisito barrete e da melhor marmelada que ainda se fez – me tinha feito entender quatro versos de Homero. Tive a confiança de querer ler Eurípedes no original; e com o auxílio do Padre Brumoy, cheguei a conhecer sofrivelmente algumas das suas tragédias. Não cabia em de contentamento e de entusiasmo. Eurípedes era o maior trágico do mundo: – já se vê porquê.

– E mais falta o seu melhor drama que se perdeu – me dizia o bom do velho – a *Mérove* isso é que era tragédia!

Que pena perder-se a *Mérove*! cismava eu noite e dia.

Havia ali também naquela minha saudosa ilha Terceira outro velho que me ajudou a criar, e a quem devo quase tudo o que sei: era meu tio D. Alexandre que não gostava de Eurípedes – bárbaro! –, nem acreditava na minha ciência helénica – incrédulo! –, e que, demais a mais, um dia me fez perder as minhas tão caras e doces ilusões, dizendo-me que no teatro inglês e no castelhano havia melhores coisas que nos clássicos de Atenas.

– «Mas não há uma *Mérove* como aquela de Eurípedes que se perdeu». – «Não; mas há em italiano a de Maffei, que tem toda a simplicidade, elegância e regularidade antiga, sem aquelas declamações tão secantes do teu Eurípedes». – «Em italiano! tomara eu lê-la!». – «Pois também já tu sabes italiano?» – «Sei, sim, senhor, li um volume inteiro de Goldoni e alguns três de Metastásio».

Era verdade: não me lembra como achei, mas recordo-mo que devorei logo uns tomos truncados daqueles teatros, e fiquei-me tendo por tão bom toscano como um académico da Crusca.

Andava já dos oitenta por diante o honrado velho de meu tio; outras vaidades do mundo não lhas conheci, era religioso verdadeiro e digno sucessor dos apóstolos; mas em se falando em literatura, valha-me Deus!

– «Pois em italiano não o tenho, me disse ele, nem to dava ~U tivesse, que o não entendias. Mas em português aqui tens; está traduzido fielmente».

E tirou de uma estantezinha baixa que tinha ao pé de si, um pequeno volume manuscrito que eu me fui logo ler com toda a ânsia.

A tradução era dele; não gostei, mas não lho disse. Nem gostei muito da tragédia: despida daquele interesse que a dificuldade de as entender e o prestígio da antiguidade me fazia achar nas peças gregas, a admirável e primorosa composição de Maffei não era para a e entender um fedelho como eu; não me fez impressão alguma; jurei que era um assunto estragado. Mas o assunto achei-o belo, e tive o atrevimento de imaginar que havia de aproveitá-lo eu.

Outras empresas e projectos de não menos ridícula ousadia livraram por então a pobre *Mélope* das minhas mãos. – Vim para a Universidade: os primeiros dois anos não fiz versos nem li poetas; tive a coragem de pôr o meu espírito em dieta de direito romano, coisa utilíssima; depois tomei uma indigestão de Filangiéri e de todos os publicistas que então eram moda em Coimbra, coisa não só inútil, mas perniciosíssima! – E o que mais é, a ninguém disse, ninguém soube que eu tinha a desgraçada manha de poeta.

Deus perdoe aos meus respeitáveis mestres, o Sr. José Vaz que no primeiro ano, e o Sr. Trigoso que no segundo, me não deram o prémio que eu decerto mereci. – Tinham feito um venerável palheiro jurista de mais, e um João-ninguém de um poeta de menos.

Também teve sua culpa o Sr. Honorato quando, em meu despeito com as faculdades jurídicas, me fui fazer matemático, A álgebra é bom contraveneno para os empeçonhados de poesia; mas há-de ser dado com jeito e tento. Quis-me fazer engolir doses muito grandes, não me pôde o estômago com elas. Zanguei-me, fiz-me um soneto, mostrei-o, acharam-lhe graça, – fiquei perdido.

Jacta est alea; fui declarado poeta «em plenos Gerais», e destampeei a fazer versos como um desalmado de dezasseis anos que eu era.

Mas pensam lá que o fedelho ia ao modesto soneto, ou se ficava na ode pindárica? Agora: calçou o coturno sem mais cerimónia e pôs-se a fazer tragédias que era uma lástima.

Os *Persas* de Ésquilo já eu tinha, havia mais de quatro anos, embrulhado e desconjuntado em urna coisa de cinco actos que alcunhara de tragédia com o nome de *Xerxes*. Fui-me a ela, inchei-lhe mais os versos, assoprei-lhos à bocagiana, e fiz um portento que alguns rapazes meus amigos representaram logo entre os aplausos de toda a Academia.

Perdeu-se essa obra-prima em uma das muitas mãos por onde andou, a copiar. (Todos queriam uma cópia daquele prodígio!) E é pena, que muito me havia de divertir agora!

Fiz uma *Lucrecia* – e representou-se! oh que *Lucrecia*! – Fiz um meio *Afonso de Albuquerque*, um quarto de *Sofonisba*, uma *Átila* quase toda, e não sei quantas coisas mais; mas foram muitas, as que eu comecei pelo menos.

Nisto li o Alfiéri e o Ducis.

O clássico e severo italiano tinha sido mordido do romantismo da Inglaterra, que, sem ele o confessar nem o admitir, lhe transuda nas próprias austeras feições da sua *Melpómene* toda romana.

O bom velho Ducis aspirava a ser romântico; poeta republicano queria abjurar o servilismo de Racine e filosofar mais que Voltaire; levantou-se com Shakespeare para

revolucionar o teatro da França, e «tomar a Bastilha» de Aristóteles, Mas o trono de Luís XIV era mais forte em literatura que em política; Ducis. o mais que pôde fazer foi «rodeá-lo de instituições republicanas». – A Convenção para as letras só veio há poucos dias com os poetas *jeune-france*.

Mas aqueles dois trágicos transtornaram as minhas ideias dramáticas, Perdi toda a fé nas crenças velhas, e não entendia as novas nem acertava com elas.

Neste estado compus a *Méropé*. Reminiscências de Maffei e dos clássicos antigos, aspirações a um outro modo de ver e de falar que eu pressentia mas não distinguia ainda bem, saudades da escola de que fugia, esperanças naquela para que me chamavam, dúvidas e receios, verdadeiras incertezas de uma transição, tudo isso trabalhou na *Méropé*. As formas são clássicas: eu não concebia outras; – ainda hoje me parece que são as melhores: – o resto não sei o que é, é uma coisa de criança em todo o sentido, e como tal deve ser avaliada

Já disse que a corriji pouco agora: esse pouco foi no estilo e na linguagem, no pensamento nada.

Não chegou a representar-se nunca: estavam ensaiados os primeiros três actos quando veio a revolução de vinte poeta e actores e espectadores e o nosso teatrinho, tudo absorveu a excomungada política.

Daí a pouco intentei e comecei o *Catão*.

Dedico esta obra de criança a minha mãe. A pobre entrevadinha no seu leito de dores está agora rezando por mim decerto. Muita lágrima e muita oração lhe tem custado este filho tão estremecido e tão mal aproveitado! Chegará ela a saber que santifiquei com o seu nome estas ociosidades? Minha mãe ainda foi daquelas senhoras portuguesas velhas que já não há. Lia, sabia, prezava as coisas de arte; mas não falava em livros senão connosco; não brilhou nunca no mundo: *domum mansit, lanam fecit*. Governava a sua casa, cosia os filhos, ensinava-os de palavra e de exemplo: austera consigo, indulgente com os outros, a sua virtude não dava nos olhos, mas entrava pelo coração. Não sei por que desgraça, hoje neste pegão de vícios em que andamos sumidos, alguma rara luz de virtude que aparece, assopram-na tanto que fere os olhos à gente e ainda nos cega mais. – Digo-o principalmente do belo sexo que é tanto mais belo com a virtude, – mas não há-de fazer trejeitos...

Lisboa, 12 de Agosto de 1841.

A MINHA MÃE,

D. ANA AUGUSTA DE ALMEIDA LEITÃO,

DEDICO ESTA TRAGÉDIA, QUE FOI O MEU
PRIMEIRO PENSAMENTO DRAMÁTICO.

MÉROPE

TRAGÉDIA

MDCCCXX

PESSOAS

*Mérope**Egipto**Polifonte**Polidoro**O Sumo Sacerdote**Povo*

SACERDOTES, SACRIFICADORES, SOLDADOS, SÉQUITO DO REI

Lugar da Cena – Messénia

ACTO PRIMEIRO

No fundo, um peristilo de templo cujas portas devem ser espaçosas de modo que, abertas, se veja claramente o interior do templo; à direita, um mausoléu; à esquerda, o palácio real. – É a mesma vista em todos os actos.

CENA I

O sacerdote

(Abrem-se as portas do templo: por elas sai e desce gravemente as escadas do peristilo até meio da cena, antes de falar).

Enfim aprouve ao Céu colmar de todo
 Nossas desditas já. – Prostrou-se o trono,
 Sucumbiram as leis, o altar vacila,
 E o crime triunfou... – Os deuses justos
 O quiseram assim! Oh, não me atrevo
 A perscrutar seus eternos decretos...
 É culpado o mortal se o Céu castiga:
 Sim, mas não veda ao triste o lastimar-se:
 As lágrimas do aflito não são crime,
 Nem sacrilégio do infeliz os rogos.
 Tu os ouves, suprema divindade,
 E permites que ao trono onnipotente
 As coxas preces do infeliz que chora
 Cheguem a apiedar tua justiça
 Ah! do teu sacerdote ouve hoje o rogo,
 Deus da Terra e dos Céus, deus meu, atende,
 Por mim de um povo inteiro ouve o gemido.
 De Messénia infeliz escuta o brado,
 Sobre ela estende a destra poderosa.
 Volve os olhos de pai a seus flagelos.
 De sobejo correu o sangue a 3orrOS,
 A milhares as vítimas caíram
 De tuas iras. – Mísero Cresfontes
 Ele era nosso rei; mais que monarca,
 Foi também nosso pai terno e piedoso.
 Nada o salvou das sanguinosas garras
 De ingrata rebelião. Viu moribundo,
 Por entre as sombras da vizinha morte,
 Punhais traidores a rasgar-lhe os selos
 Dos filhinhos sem culpa... Viu – e a morte
 Esperou com o golpe derradeiro
 Que a vista horrível lhe ferisse os olhos! –
 Viu à frente dos súbditos rebeldes
 Polifonte, o traidor, o ingrato, o monstro
 A quem fizera grande entre o seu povo,
 A quem de honras e dádivas colmara,

Lançar aos nobres pulsos da consorte
 Afrontosos grillhões em vez do ceptro.
 Oh rainha infeliz, mísera esposa.
 Mais desgraçada mãe, Mérope... – Ai triste,
 Ei-la ai a mesquinha em seu fadário
 De gemer e chorar – sobre esse túmulo
 Do esposo. que. não sei por que milagre
 Do Céu, ou por que engano de piedade
 No tirano, inda ai lho deixam, inda
 Essa última memória das virtudes
 Passadas, esse extremo monumento
 Da realeza proscrita – o não sovertem
 Na voragem que tudo o que era santo,
 Ilustre, nobre ai tem devorado
 Nesta votada terra de Messénia.
 Ela chega. Deixemo-la à vontade
 Desafogar suas mágoas.

(Retira-se para dentro do templo, e cerra meia porta).

CENA II

Mérope

(Entra cautelosamente, e não vendo ninguém, vai direita ao sepulcro).

Ai! ainda
 Me ficou este último refúgio!
 Posso inda a furto vir aqui sozinha
 Minhas mágoas carpir, desabafá-las
 Com estas frias lajes, menos duras
 Que o duro coração do meu tirano
 Sulcadas estão já por minhas lágrimas,
 Que, três contínuos lustros, fio a fio,
 Me tem corrido o pranto destes olhos...
 Sombra adorada do infeliz consorte,
 Não te aplaquei ainda... As tuas cinzas
 Bem as sinto volverem-se no túmulo...
 Ah, sim, mais do que pranto exige o esposo.
 Sangue? – Sangue terás, – não de vingança:
 Vedam-me esse prazer os Céus mesquinhos;
 Mas o meu, o meu sangue neste mármore,
 Em sacrifício extremo derramado.
 Há-de ir em breve saciar-te os manes,
 E unir aos teus meu fado eternamente.
 Há muito... mas sou mãe. Oh! tu, que foste
 Tão estremoso pai, tu bem me entendes.
 Sou mãe, e esta lembrança me conserva
 O débil fio que me prende à vida.

Meu filho! minha esp'rança derradeira,

(assustada e abafando a voa)

Meu filho!... Oh! se me ouvisse alguém agora...
 Se Polifonte... oh Céus! Eu rodeada
 De espias, delatores ando sempre.
 Se me ouviriam?... –Vejo ali um vulto...
 Um homem... É um homem. Santos deuses.
 Agora sim, que a minha hora extrema
 De desgraça chegou!

(Cai de bruços sobre o túmulo)

CENA III

Mérope, o sacerdote *(caminhando para ela)*

SACERDOTE

Não, ó rainha,
 Sossega, não te ouviram os espias
 Do tirano. Viúva de Cresfontes,
 Tuas lágrimas caíram no meu peito;
 E neste coração jazida eterna
 Teus segredos terão, enquanto os deuses
 Me não derem que possa quebrantá-los,
 Que possa a este povo de Messénia
 Liberdade bradar, mostrar-te a eles,
 Mostrar-lhes o seu rei, teu filho...

MÉROPE

Filho!
 Filho meu! – Ah, ouviste-me, e conheces
 O meu segredo.

SACERDOTE

Sei-o há muito, Mérope.

MÉROPE

Oh! mas tu és ministro dos altares,
 Não hás-de... Bem o sei, sei que não hás-de
 Atraiçoar-me: oh sei, – Tenho inda um filho,
 É verdade, é verdade: existo ainda
 Nesse último resto do meu sangue.
 Oh, quisera encobrir este mistério
 De mim própria – de mim, que tenho medo.

Medo de meu amor não me atraíoe,
 Não me revele num suspiro o filho.
 Temo que os olhos do tirano astuto
 No pranto maternal mo não descubram.
 Oh! quantas vezes sufoquei no peito,
 Nos olhos mo enxugou a mesma causa
 Que o fizera nascer! É o meu filho,
 O último. vês tu? – E o esposo. e os outros
 Filhos, e tudo o que perdi... ai neste,
 Tudo torno a perder se o perco agora.

SACERDOTE

Tem bom Animo, é Mérope. confia
 Na demência dos deuses sua cólera
 Há-de abrandar-se enfim; espera neles.

MÉROPE

Ah, que posso esperar dos Céus ainda?
 Persegue-me a sua ira injusta, há tanto,
 Sempre, sempre! Tiraram-me o esposo,
 Os filhos!...

SACERDOTE

Inda um filho te deixaram,
 Ainda to conservam.

MÉROPE

E é demência;
 Da piedade do Céu são benefícios
 Os males que não fez?

SACERDOTE

Rainha, escuta,
 Ouve a amizade cândida e sincera
 Que te fala sem vás hipocrisias.
 Eu nunca fiz troar por minha boca
 Os deuses, a quem sirvo na humildade
 Deste meu coração onde não tenho
 Menos o amor dos homens que o dos nubes.
 Mas no Céu, é rainha. não se medem
 Pela nossa medida os bens e os males.
 Da eterna justiça não sabemos
 Avaliar nós as razões. Sofre, geme,
 Resigna-te, suplica, e tem bom ânimo:
 Talvez não tarde seu favor celeste;

Porventura...

MÉROPE

Oh! Conservem-me o meu filho,
Não lhes peço mais nada.

SACERDOTE

E já te ouviram:
Salvaram-to das garras do tirano.
Foi um prodígio seu, Nem eu concebo
Como, no denso horror daquela noite.
Por entre os ferros da ímpia soldadesca,
Como pudeste subtrai-lo à morte.

MÉROPE

Ah! que ainda o coração me estala s sangra
Coa lembrança de horror! Tenho presentes,
Volvem-me na alma as pavorosas cenas
Inda tintas no sangue dessa noite.
Vejo-o... E já três lustros são passados.
Vejo em meus braços semimorto o esposo...
Do peito inda a bolhões lhe salta o sangue...
Vejo das roxas, hórridas feridas
A pouco e pouco a vida esvaecer-lhe,
Oíço-o balbuciar no último arranco:
«Esposa, os filhos...» E ao dizer que os salve,
Cortou-lhe a morte a voz. – Sobre o cadáver
Que me esfria nos braços, e entre os tristes
Os lastimados beijos com que o cubro,
Queria ali morrer, Mas dentro na alma
Me brada que sou mãe a natureza.
Corro aos filhos... Ai triste! sinto ainda
O que não podem nem dizer palavras
Nem conceber o espírito. – Ímpios ferros
Os membros infantis lhe atassalharam.
Abraço-os um e um... Já não respiram.
Um tinha ainda o punhal cravado
No seio. Arranco-lho... E já curvo o braço
Para morrer ali... Mas inda quero
Cear os olhos outra vez, fartar-me,
No espectáculo horrível, Fito-os, vejo...
Grandes deuses, que vi! Um de meus filhos
Cum gemido de dor me estende os braços.
Como aquele gemido me entrou na alma!
Como outra dor, tamanha mas diversa,
Me revirou o coração no peito..
Não sei; mas um apego tal à vida,

Um medo de morrer tamanho, nunca
 O sentira jamais. Acudo ao filho;
 Inda respira, fora leve o golpe:
 Penso-lhe a chaga pouco funda e ténue,
 Co ele em meus braços à ventura corro
 Pelas desertas salas do palácio.
 Guia-me um deus: encontro Polidoro,
 Do meu Cresfontes o mais fiel amigo:
 O tempo fuge... eu debulhada em pranto
 O precioso penhor nas mãos lhe entrego;
 E: «Foge, fuge (sé lhe disse) longe
 De Messénia, vai, leva-o, corre, parte,
 Guarda-o à triste mãe...» – Ia por diante,
 Mas o amigo fiel já me não ouve;
 Voava: protegeu-o o Céu propicio,
 Os passos lhe escudou, salvou-me o filho;
 E em tida ambos vivem, – Eu...

SACERDOTE

Silêncio,
 Que aí vem o tirano Vejo os guardas
 E o numeroso séquito que sempre
 O rodela

MÉROPE

Não posso já fugir-lhe.

CENA IV

Mérope, o sacerdote, Polifonte, séquito, guarda

POLIFONTE

Lá está junto ao sepulcro. E eu que inda sofro
 Essa fatal memória do meu crime
 Aí a recordá-lo, e a suscitar-me
 Os remorsos que afogo em vão no meu peito!
 Eu tolero estes prantos de continuo,
 Este carpir de viúva inconsolável
 Que me afronta e me pesa! – Acabou hoje
 Minha longa paciência.

(Aproxima-se de Mérope)

Mérope, ouve
 As palavras de paz com que hoje venho
 Pela última vez...

(Vendo o sacerdote)

Tu que fazias
Aqui? – Para o teu templo, sacerdote,
E deixa-nos em paz. – Vós todos ide.

CENA V

Méroe, Polifonte

POLIFONTE

Pela última vez, dizia eu, Méroe.
Venho a ti. Basta enfim de inúteis prantos,
Deixa vãos preconceitos. Foste esposa,
Reinaste; e eu reino agora: tal do mundo
Foi sempre a sorte. Do meu novo império,
Fruto de tantas lidas tão cansadas,
E a que o sangue de Alcides me não dava
Menos direitos do que ao teu Cresfontes,
Do império a que me ergueu minha vitória,
Bem vês que não abuso. Como outrora,
És respeitada e vives; livre o passo
A toda a parte tens. Já com justiça
Me poderás chamar tirano?

MÉROPE

Chamo.
E que és tu mais? Não vês este sepulcro?
Não vês nele gravado o teu delito?
Não te diz que és um súbdito rebelde?
Não vês naquelas lajes esculpidos.
Um por um, teus nefandos atentados?
E aqui, neste lugar, aqui ousaste
Vir, sem pejo. ante mim fazer alarde
De teus horríveis crimes! E um tirano
Não és tu, monstro?

POLIFONTE

Sou teu rei, ó Méroe
Basta para punir-te um meu aceno;
Posso prostrar de um sopro esse moimento
Em que aos manes do esposo cada dia
Trazes de ofrenda imprecações inúteis
Contra mim, contra o Céu que te não vinga.
E sei-o e sofro-o, E sei que o sacerdote
Teu consócio no crime...

MÉROPE

Que proferes!
Nem dos altares o ministro poupam
Tuas negras suspeitas?

POLIFONTE

Eu conheço
Os ministros do altar, Mas dos seus numes
Só imito a demência: perdoei-lhe,
E as tuas injúrias, e o continuo
Maquinar de teus cegos partidários,
E tudo o mais que sei... tudo perdoo,
Talvez minha piedade excede os termos
Da justiça real... – Messénia sabe
Quanto à sua ventura sacrífico
Meu interesse próprio; e quero dar-lhe
Hoje solene prova de clemência.
É necessário, pede o bem do Estado
Que neste império enfim se ponha termo
Aos bandos, aos partidos, Fácil meio
Tinha na espada ou no rigor severo
Da bipene das leis...

MÉROPE

Em leis tu falas!
Existem leis onde um tirano impera?

POLIFONTE

Sossega as iras um momento; escuta:
Demos a paz aos povos; de nós ambos
Ela depende só. Esposo e reino,
Tudo perdeste, recupera tudo:
Consorte e ceptro te ofereço.

MÉROPE

O ceptro
Manchado por tuas mãos, torpe, calcado
Da plebe, a cujos pés o arremessaste
Quando eras seu escravo, e no delírio
Da popular soltura preparavas
Tua atroz tirania... guarda-o, guarda-o:
Está bem nas tuas mãos, – Ah! e em consorte
Falaste! – Esposo, a mim? e tu mo of'reces!
Esposo a mim! – E quem é?

POLIFONTE

Sou eu mesmo.

MÉROPE

Tu!

POLIFONTE

Eu, sim, eu, teu rei.

MÉROPE

Deuses, faltava
 Esta última injúria, esta ignomínia
 Derradeira à viúva de Cresfontes!
 E ousaste pensá-lo, e atreveu-se
 Tua boca a preferi-lo? O assassino
 De meu esposo! O monstro inda coberto
 Do inocente sangue de meus filhos...

POLIFONTE

Teus filhos! – Nessa noite sanguinosa,
 Em que eu tive decerto menos culpa
 Do que tu me atribuía, – nessa noite
 Teus filhos todos... todos pereceram?
 Um amigo fiel não pôde acaso
 Salvar?...

MÉROPE

Que dizes tu?

POLIFONTE

Não digo nada.

MÉROPE

Tu sabes?...

POLIFONTE

Não...

MÉROPE

Não sabes. E que havias

De saber tu? Morreram, todos, todos.
Do sangue de Cresfontes já não resta
Quem te assombre. Que temes tu?...

POLIFONTE

Não temo...
Nem tu deves temer. Mas ouve, ó Mérope:
Se algum dos teus... dos teus fiéis, precisa
Amparo e protecção, com pranto e lágrimas
Não é que lhe hás-de dar, Ofereci-te
Metade do meu trono... Pensa, é Mérope,
Pensa e resolve.

CENA VI

Mérope, depois o sacerdote

MÉROPE

Estou, estou traída.
Quem foi, quem me perdeu? – Oh filho, filho!
Oh desgraçada mãe! Por toda a parte
Tem o bárbaro espías, tem algozes.
Ai de mim! se o descobrem... santos deuses!
Resolve, o quê? Morrer – só morte...

SACERDOTE (*abrindo as portas do templo, diz com voz solene.*)

Vive:
É preciso viver.

MÉROPE

Viver eu como,
Para quê?

SACERDOTE

Para o filho e para a pátria.

ACTO SEGUNDO

CENA I

Polifonte, séquito, guardas

Já não duvido mais: Mérope ainda
Tem um filho. – Um filho de Cresfontes!
Como escapou, aonde mo ocultaram?
Não sei; mas uma esp'rança nos seus olhos,
Aquele suspirar como em segredo,
Me diz que não é só carpir de viúva
O seu carpir: não me enganei, é certo:
Vi-a ao nome de mãe esmorecer-se...
Eu sempre o suspeitei: quase em certeza
Minhas suspeitas se volveram hoje.
Mas onde existe o desgraçado resto
Dessa proscrita, mísera progénie?

(aos do séquito)

Cumprê sabê-lo, e morra. – Oh lá, chamaí-me
O sacerdote: é o confidente certo
O movedor destas intrigas todas.
Vejamos se... Dissimulado e astuto
É o sacerdote. Sim, mas não me excede:
Já reino há muito, – Oh, abre-se a porta,
Ele chega; finjamos.

CENA II

O sacerdote, Polifonte, séquito, guardas

POLIFONTE

Venerando
Ministro dos altares, como amigo.
Não como rei, a ti venho. Merecem
Tuas virtudes esta deferência,
Posso mandar...

SACERDOTE

E eu hei-de obedecer-te:
Do poder que te deixam sobre a Terra.
Os deuses julgarão.

POLIFONTE

Mas eu quisera,
Exijo... peço muito mais do que isso:
Quero a tua amizade,

SACERDOTE

Eu amo os deuses.

POLIFONTE

Não proibem os Céus que os homens se amem.

SACERDOTE

Antes o mandam.

POLIFONTE

Bem; conheço agora
Que de teu ministério augusto és digno:
Quero do teu amor hoje uma prova:
Mérope... tem ainda um filho.

SACERDOTE (*aparte*)

Um filho!
Oh Céus! – Filho de...

POLIFONTE

Sim; já de que existe
Tenho certeza.

SACERDOTE

Como! Pois não foram
Nessa noite de horror extintos todos?
Do infeliz régio sangue uma só gota
Ficou por derramar?

POLIFONTE

Esse mistério
Sabes melhor do que eu. Fala.

SACERDOTE

Encerrado
No sagrado recinto desse templo,
Do santuário à sombra veneranda

Vivo só. ignorado, e tão remoto
 Do bulício das cortes, do tumulto
 Dos homens e de seus tão vãos cuidados,
 Que, indiferente a essas lutas e contendias,
 Apenas ergo aos Céus súplices palmas
 Rogando peio bem da minha pátria.

POLIPONTE

Bem sei... E que fazia hoje contigo
 Mérope nestes sítios?

SACERDOTE

Soluçava,
 Gemia, suspirava a desgraçada.
 É o seu viver: clamava pelo esposo,
 E bradava piedade aos Céus.

POLIFONTE

Com ela
 Eu bem te vi falar: que lhe dizias?

SACERDOTE

Eu na sua aflição a consolava,
 E na chaga da dor vertia o bálsamo
 Da santa religião.

POLIFONTE

Ah! já não posso
 Tanta impostura suportar. Um filho
 Tem Mérope; sei-o eu: onde está ele?
 Fala.

SACERDOTE

Não posso.

POLIFONTE

Teme...

SACERDOTE

Eu temo os deuses,

POLIFONTE

Morrerás.

SACERDOTE

Não receia o justo a morte.

POLIFONTE

Posso...

SACERDOTE

Que mais do que tirar-me a vida?

POLIFONTE

O templo prostrarei donde me insultas,
De donde, com teus pérfidos sequazes,
Domas rebeldes pelo povo espalhas...
Teu santuário, foco de discórdias,
Patentearei à irrisão das gentes;
Cairá sobre ti o altar e o templo;
E hão-de ficar teus numes nesse opróbrio,
Sem incensos, sem aras, sem ministros...

SACERDOTE

Templo é dos numes toda a natureza:
Nos corações virtuosos dos humanos
Têm vítimas, altar, incenso e votos,
Extingue o lume da razão nos homens,
E o culto extinguirás do deus que odeias.

POLIFONTE

Estremeço de raiva, Oh lá, soldados!
Férreos grilhões aos pulsos desse pérfido;
Ao mais horrendo cárcere se arraste...
E nas trevas de lúgubre masmorra
Aprenda a obedecer.

(Lançam-lhe os grilhões)

SACERDOTE

Eis-me. é tirano:
Que mais queres de mim? Olha os teus ferros,
Vê quanto podem! Sopear-me es braços.
Quão pouco sois, ó déspotas da Terra!

Tens para o coração também algemas?
Tens grilhões que a razão ferrolhem na alma?
Débil punhado de coroadas cinza,
Quem és tu?

POLIFONTE

Apartai-o de meus olhos.

SACERDOTE

Corro, ó tirano, satisfeito à morte:
Há muito que aprendi a não temê-la.
Tu, déspota, no trono mal seguro
Treme, que um vingador dos Céus não tarda,
Treme, perverso.

CENA III

Mérope, o sacerdote, Polifonte, séquito, soldados

MÉROPE

Augusto sacerdote,
Que vejo! agrilhado! – Onde te arrastam?

SACERDOTE

A morte.

MÉROPE

Oh Céus! porquê?

SACERDOTE

Não sei.

POLIFONTE

Não sabes?
Porque é rebelde,

MÉROPE

A quem?

POLIFONTE

Ao seu monarca.

SACERDOTE

Monarca tu! Deliras, Polifonte.
 Rei quem te fez, quem te sentou no trono,
 Quem nas malvadas mãos te pés o ceptro?
 O ceptro ainda tome e maculado
 Do régio sangue que esparziu teu ferro...
 Basta para ser rei o crime, a intriga,
 Os direitos dos povos nada valem,
 As armas são as leis que ao sólio chamam,
 E...

POLIFONTE

Levai-o.

MÉROPE (*a Polifonte*)

Ah. senhor, ah! tem piedade
 De seus anos tão velhos, tão cansados,
 Movam-te aquelas cãs, respeita ao menos
 No ministro do altar o altar e os numes,
 Nele venera o povo o deus que adora:
 Excitado talvez...

POLIFONTE

Pois, que obedeça.

SACERDOTE

Não posso.

POLIFONTE

Parte.

MÉROPE (*ao sacerdote*)

Não: modera um pouco
 Tua severa, rígida virtude:
 Obedece: ele manda... ele governa...

SACERDOTE

Soldados, ao meu cárcere.

MÉROPE

E mais duro,
 Mais férreo coração terás do que ele!
 Não vês o triste estado em que nos deixas?
 Que será deste povo desgraçado?
 Quem na sua aflição há-de valer-lhe,
 Quem as vozes de Céu?...

SACERDOTE

O Céu e os numes
 Dentro do coração terá se é justo.

MÉROPE

Movam-te ao menos minhas desventuras,
 De mim tem dó.

SACERDOTE

De ti!... –Sobejo o tenho.
 Rainha, adeus,

MÉROPE

Espera... oh Céus! Quem há-de
 Ao meu triste...

SACERDOTE (*interrompendo-a vivamente*)

Que dizes, desgraçada!...
 Deixa-me.

MÉROPE

Ah!... por piedade... E que motivo?

(a *Polifonte*)

Dele que exiges tu?

POLIFONTE

Ténue serviço
 Mas importante a mim.

SACERDOTE

Ténue, malvado?
 Bem importante a ti? – Assaz o creio.
 Ouve, ó rainha: quer esse tirano...

POLIFONTE

Suspende.

MÉROPE

O quê?

SACERDOTE

Que lhe descubra...

MÉROPE

Oh deuses!

SACERDOTE

Se um filho...

MÉROPE

Um filho!

POLIFONTE

Pára.

SACERDOTE

Teu...

MÉROPE

Meu filho!

POLIFONTE

Pérfido!

MÉROPE

Um filho meu! – Tu mos deixaste?

POLIFONTE

Sim, tens um filho: suspeitei-o há muito,
Sei-o agora. Se és mãe, inda te resta
Um meio de o salvar.

MÉROPE

Qual?

POLIFONTE

Inda há pouco
Te disse.

MÉROPE

A infâmia!

POLIFONTE

Oh! quem se aproxima?
Entre soldados preso um estrangeiro!
Mancebo é inda...

MÉROPE

Um estrangeiro? Oh deuses!
Bate-me o coração.

POLIFONTE (*aos soldados que guardam o sacerdote*)

Soldados, eia,
Esse hipócrita longe de meus olhos:
Levai-o ao cárcere: ide.

CENA IV

Méropo, Polifonte, Egipto, séquito, soldados

POLIFONTE

Ah! e vós outros,
Quem é este mancebo? Que delito,
Meu prisioneiro o fez? Falai. – Mas quero
Eu perguntá-lo. – Tu quem és?

EGIPTO

Sou filho
De humildes, pobres pais, mas não escravos.

POLIFONTE

O teu crime qual é?

EGIPTO

Junto dos muros
Desta cidade, e em defesa própria,
Tive a desgraça de matar um homem,

POLIFONTE

E quem era esse homem?

EGIPTO

Estrangeiro
Parecia, e o trajar ao medo de Élida
Era come este meu.

MÉROPE

Élida?

EGIPTO

Ao menos
Assim se me antolhou.

POLWONTE (*aparte*)

De Élida ao nome
Estremeceu... Talvez... Aprofundemos

(*alto a Egipto*)

Este mistério mais. – Onde nasceste?

EGIPTO

Em Élida, te disse.

POLIFONTE

De teu crime
Conta mais por miúdo as circunstâncias.

EGIPTO

Ah tu queres, ó rei, dentro em minha alma
Renovar minha dor e os meus remorsos!
Apraz-te ouvir meu crime? Ouve-me e julga.
Verás nesse delito involuntário

Toda a minha inocência. – Pelas margens
Do suave Pamiso caminhava;
E já de longo andar quebrado as forças,
No templo entrei do valoroso Alcides
Que em solitária encosta de ermo oiteiro
Junto ao rio se eleva; ali prostrado
Súplices mãos tendia ao deus que adoro,
Que aprendi a implorar de tenra infância.
«Protege, lhe dizia, ó grande Alcides,
Protege o sangue teu.» – Tal de menino
Me ensinava meu pai...

MÉROPE

Teu pai! Quem era?

EGIPTO

Um venerando ancião...

MÉRQPE

E o seu nome?

EGIPTO

Era...

MÉROPE

Como?

EGIPTO

Cefiso se chamava.

MÉROPE

Mas talvez... – Continua a tua história.

EGIPTO

Destarte orava: e no fervor das preces
Eis me interrompem, súbito me assaltam
Armados de punhais dois assassinos:
Quem és, clamaram, que tens tu, mendigo,
Com o sangue de Alcides?» – Nisto e ferro
Já sobre o peito me apontava um deles.
Algun deus me ajudou: de um bote rápido
Sobre o braço traidor, lhe quebro e talho;

Segundo o golpe, e lhe atravesso o peito.
 Espavorido o companheiro foge:
 Traidores são cobardes. – Vi-me livre,
 E atentei no infeliz que aos pés me expira.
 Era a primeira vez que o sangue humano
 Tingia minhas mãos: aflito e triste
 Chorou-me o coração, e gemi sobre ele.
 Novo no crime, não sabia ainda
 Os meios de ocultá-lo: arrasto ao rio,
 E em suas águas sepulto o corpo exangue.
 Fugi: nem me lembrou minha imprudência
 De apagar na mesma água o claro indicie
 Do meu delito. Incerto, horrorizado
 Corro, inda em sangue esquálidos, fumando
 O braço, as vestes; chego delirante
 As portas de Messénia, e os teus soldados
 Me seguram, me arrastam, – Do meu crime
 Ouviste as circunstâncias e a verdade:
 Não sei outra linguagem. Tu me julga.
 Mas...

POLIFONTE

Basta: saberás o teu destino.

(Aparte)

Grandes suspeitas em minha alma excita
 Este mancebo; esclarecê-las cumpre.

(Alto)

Adrasto, oh lá.

(Fala em segredo com um do séquito: e depois continua alto)

Em segurança o tende.
 Tu, Mérepe, resolve. Adeus.

CENA V

Egipto. Mérope, soldados

EGIPTO

É esta
 A rainha, esta é Mérope? Ah! Senhora
 Tem piedade de mim: sou desgraçado.
 Tu só pedes valer-me; és compassiva.
 Sempre e ouvi a meu pai.

MÉROPE

Que te dizia
Teu pai? Conhece-me ele?

EGIPTO

De Messénia
Foi cidadão outrora.

MÉROPE

De Messénia!
O seu nome?

EGIPTO

É Cefiso; já te disse.

MÉROPE

Talvez outro?...

EGIPTO

Só este lhe conheço.

MÉROPE

E em Élida que faz? Desta cidade
Porque fugiu?

EGIPTO

Ai. nunca em tal fugida
Nunca lhe ouvi falar sem que agro pranto
Pelas rugas das faces lhe corresse.

MÉROPE

Chorava ele!... Porquê?

EGIPTO

Eu nunca pude
Penetrar de suas lágrimas a causa,
De teu esposo a acerba desventura
Muitas vezes chorando me contava.
E só de ouvir ou pronunciar teu nome

Se debulhava em pranto.

MÉROPE

Que suspeitas.
Que lembranças na mente me revolvem!
Diz... em tida... nunca... em Polidoro
Falar ouviste..., nunca o conheceste?

EGIPTO

Eu vivia no campo em pobre albergue.
Sozinho com meus pais velhos e enfermos;
Ninguém mais que eles conheci.

MÉROPE

De Egipto...
O nome... ignoras?

EGIPTO

Nunca ouvi tal nome.

MÉROPE

E nunca... em tua mãe?...

EGIPTO

Ai, desgraçada!
Se ela me visse agora!

MÉROPE

Tu... conheces
Bem tua mãe?...

EGIPTO

Não hei-de conhecê-la!
Ela que tantas vezes me apertava
Em seus trémulos braços, que em suspiros
Me chamava e seu filho tão querido!
Mísera mãe!

MÉROPE

Oh fado, ah, não me deixas
Nem a doce ilusão da minha esp'rança!

Quase as vãs aparências me enganavam.

(Aparte)

Aquele som de voz... o mesmo gesto...
Parecia-me ver e meu Cresfontes.

(Alto)

Desgraçado, que queres, que procuras
Nestes sítios de horror? Nesta cidade.
Aonde reina e crime e habita a morte,
A que vinhas?

EGIPTO

Sem fim; só conduzido
De ímpeto juvenil, do vão desejo
De ver terras e gentes. Quantas vezes
Minha imprudência amaldiçoei!

MÉROPE

Mas diz:
Esse... esse infeliz a quem mataste
Era de Élide?

EGIPTO

Sim.

MÉROPE

Jovem?

EGIPTO

Seria
De meu talhe, come eu, da mesma idade.

MÉROPE

Procurava ocultar-se?

EGIPTO

Sim, parece-me
Que buscava esconder o reste.

MÉROPE

E era
Nobre no porte?

EGIPTO

Nobre.

MÉROPE

Altivo?

EGIPTO

Altivo.

MÉROPE

Fugia?

EGIPTO

Sim, eu creio que fugia;
Vinha pálido...

MÉROPE

E tu mataste-o, bárbaro?

EGIPTO

Eu defendi-me.

MÉROPE

E ele moribundo
Nada disse?

EGIPTO

Algum tempo junto dele
Chorando estive. – Já no arranco extremo...

MÉROPE

Desgraçado!

EGIPTO

Ah sim: – lembro-me agora.

O triste nos suspiros derradeiros
Chamava por sua mãe...

MÉROPE

Sua mãe! Malvado,
E tu mataste-e, tu! – E o corpo exangue
Sepultaste nas águas! – Céus!... Perdido,
Perdido e para sempre...

EGIPTO

Ai, miserando,
Que fiz! Em que te ofende e meu delito?
Oh, pune-me, sim pune-me de um crime
Que me faz detestar a própria vida.
A tua ofensa vinga... Eu ofender-te!
Eu que te adorei sempre, que da infância,
Nos braços de meu pai que me ensinava,
Tantas vezes por ti rogava aos deuses,
Eu ofender-te ousei – Bem desgraçado
Sou.

MÉROPE

Que falar, que lágrimas, que acento!
Como ao meu coração seus ditos chegam.
Que invisível poder tem na minha alma!
Rege-a, mau grado meu, move-me, agita-me...
Até me custa a separar-me dele.
Que pérfida ilusão! – Oh não é este:
É que por toda a parte a doce imagem
De meu filho me segue. – Ide, levai-o,

EGIPTO

Ah, tu me desamparas! ó Senhora,
Se não rogas por mim... Não abandones
Um desgraçado filho...

CENA VI

Mérope

Filho!... Ai, filho
Ia quase a chamar-lhe! – Malfadada!
Doce e triste ilusão, suave engano,
Perseguidora imagem do consorte,
Saudades do meu filho tão querido,
Ah, que do coração, para iludir-me.

Aos olhos me vieram. – Não, não era
Para mim tal ventura. – E Polifonte?...
Polifonte! que horror! – Eu sua esposa!
Mas o tirano sabe do meu filho;
Polidoro não vem... e vai num ano
Sem notícias sequer... Oh, vem trazer mas,
Vem, Polidoro, vem trazer-me a vida,
Ou libertar-me a tempo com a morte.

ACTO TERCEIRO

CENA I

Polifonte, séquito, soldados

POLIFONTE

Tragam-me aqui o sacerdote. Ide.

(Falando cem um ministro do séquito)

Adrasto, de sua rígida constância
Vejamos se triunfo. Aos meus intentes
É necessário este homem: meios brandos
Talvez poderão mais que as ameaças.
Careço dele: para o povo rude
Sempre é bom rei o amigo dos altares...

(Falando consigo)

Demais, este mancebo e o seu delito,
Não sei que pense dele. – Vinha de Élide;
Mérepe ao nome de Élide estremece,

(torna a dirigir-se ao ministro)

Mil perguntas lhe fez... – Deram-se as ordens
Que mandei?

(O ministro inclina-se)

Um dos deis, ou este ou o morto,
É o filho de Mérope: só resta
Saber qual. Deste modo e saberemos.
Mas eh, ei-lo que chega e sacerdote.

CENA II

O sacerdote, Polifonte, séquito, soldados

SACERDOTE

Que mais queres de mim, que me pretendes?
Por que roubar-me as trevas do meu cárcere,
Por que arrastar-me ao dia e à luz que odeio,
Que infecta a escura névoa de teus crimes?

POLIFONTE

Ouve-me.

SACERDOTE

O quê, minha sentença? Oh, venha:
Venha a morte. Bendito o deus que os rogos
Do seu serve escutou!

POLIFONTE

Sossega e julga.

Tirai-lhe esses grilhões.

SACERDOTE

A mim! Que dizes?
Oh Céus! e por que preço? – É novo crime
Que exiges? – Não, não quero a liberdade.
Volve-me ao cárcere, os tormentos dobra;
Porém cúmplice teu nunca hás-de ver-me.
Vitima posso eu ser de teus furores,
Ministro não.

POLIFONTE (*aparte*)

Sê-lo-ás a teu despeito.

(*Alto*)

Ouve, e as minhas tenções verás quão puras,
Quão virtuosas são. – Do que é passado,
Como eu, te esquece: recupera tudo.
Toma ao teu santuário e aos teus altares.
De ti, só uni serviço exijo agora;
Que a Mérope...

SACERDOTE

O quê? atraioá-la, Ser-lhe infiel?

POLIFONTE

Não, – Cumpre ao bem do Estado
Que ao trono de Messénia entra vez suba.

SACERDOTE

Ao trono!

POLIFONTE

Ao trono, sim: quero que reine
Ao meu lado.

SACERDOTE

Mérope a teu lado,
De Cresfontes a viúva!

POLIFONTE

Minha esposa
Há-de ser, Proveitoso a mim e a ela
Este consórcio é e a todo o império;
São justas as razões que o aconselham.
Necessárias me são suas virtudes,
E quero-lhe mostrar quanto as venero.
Desde hoje será lei sua vontade,
O seu menor desejo. Quero dar-lhe
Um documento já. Por meus soldados
Foi, como viste, há pouco aprisionado
Um mancebo estrangeiro.

SACERDOTE

Era estrangeiro?

POLIFONTE

Sim, e ainda na ingénua flor da idade:
Homicida, mas nobre no seu crime,
Acusa-se e confessa-o. Viu-o Mérope.
E tanto a comoveu sua candura,
Tanto se condoeu da sorte dele.
Que eu, por lhe comprazer, houve piedade
Do jovem, e quisera perdoar-lhe.
Mas cumpre examinar as circunstâncias
Que alega por desculpa de seu crime.
No entanto, e em obséquio da rainha,
A tua guarda entrego este mancebo.

SACERDOTE

A minha guarda! Para quê?

POLIFONTE

Não sabes

Quanto se apraz de vê-lo e de falar-lhe
 Mérope. Assim mais fácil pode tê-la,
 Essa consolação. Tomara eu, ore-me,
 Dar maior lenitivo a seus pesares'
 Mas desejo que, ao menos neste pouco,
 Comece a ver em mim um rei benigno.
 E nestas complacências reconheça
 Um esposo... – Mas ela se aproxima.
 Em paz vos deixo. Adeus! vê se tirano,
 Se da pátria opressor é Polifonte.

CENA III

O sacerdote, *depois* Mérope

SACERDOTE

Um criminoso à minha guarda entrega
 Polifonte... e de Mérope aos desejos
 Anui prazenteiro... – Oh, traições grandes,
 Grande mistério encerram de maldade
 Desnaturais bondades de um tirano!

MÉROPE (*entrando*)

Santo ministro, ó meu único amigo,
 Ó meu fiel amparo derradeiro,
 Correndo apenas soube que eras livre,
 Venho no seio teu depor meu pranto.
 Desabafar contigo os meus pesares.
 Ai triste! – Pois não sabes que meu filho?...

SACERDOTE

Que dizes nestes sities?... espiados
 Somos por toda a parte...

MÉROPE

O quê? escuta-nos
 O tirano? Ai de mim! que este segredo
 Do meu amor já me não cabe na alma,
 E há-de matar-me, há-de.

SACERDOTE

Descoberto,
 Ó Mérope, já foi o teu segredo.

MÉROPE

Descoberto! Ora pois, chegou o termo
De tanto padecer. Eternos deuses,
Que tendes mais para me dar?

SACERDOTE

Já sabe
Que tens um filho, mas...

MÉROPE (*interrompendo-o com ânsia*)

Mas onde existe
Não o sabe o perverso! Não, nem há-de
Sabê-lo nunca. Os Céus, os Céus mo guardam.
Não é assim? Diz: são os Céus que o guardam;
Destra invisível lhe protege os dias.
Oh sim, meu filho: os deuses vingadores,
Os deuses justos – são justos os deuses –
A esta triste mãe, aos seus gemidos,
Ao pranto maternal, aos ais, às preces

(*desanimando*)

Seu furor abrandaram... – Seus furores.
O meu pranto, – ai de mim! Salvou-me o esposo
Um mar de minhas lágrimas? salvou-mo
O fervor de meus rogos, de meus votos?
Confundido não vi – lembrança horrível! –
Co sangue do consorte, o dos filhinhos?
E são justos os Céus e são piedosos!...
Que profiro? ai de mim! – Tende piedade
De tia mãe que fizestes desgraçada:
Conservai-me este só... que me deixastes,
Deuses, e bendirei vossas bondades.

SACERDOTE

Sim, rainha infeliz, hão-de guardar-to,
E salvá-lo das iras do tirano.
Encerra-se entre nós o alto segredo
De sua habitação. De mim conheces
Se poderá sabê-lo. Acautela-te,
Receia de ti só. teme ás astúcias
Do tirano e suas pérfidas bondades.
Tão generoso agora se nos mostra,
Que alguma traição má tem na alma negra.
Vês como os ferros me tirou dos pulsos,
E piedoso contigo quer mostrar-se,
Entregando-se-me aqui esse estrangeiro

Por quem mostraste compaixão, diz ele,

MÉROPE

Esse jovem... ah, sim: muito o seu fado
Me comoveu por certo.

SACERDOTE

E nada sabes
Dele, quem é?

MÉROPE

Um jovem desgraçado:
Vinha de tida.

SACERDOTE

Como! E não disseste
Que aí estava?...

MÉROPE

Sim, disse... o meu filho...
E talvez, ai de mim!... Té parecia
o gesto, o som de voz, o de Cresfontes.

SACERDOTE

Que escuto, oh Céus! Que dizes? – Ah corramos...

MÉROPE

Não, não é para mim ver o meu filho:
Os invejosos Céus mo não consentem.

(Fica algum tempo como afogada em dor, e depois continua)

E pensavas, amigo, que eu podia,
Que podia fia mãe com tais suspeitas
Descansar um instante, um só momento?
Que mil indagações, que mil perguntas
Com ânsia escrupulosa não faria?
Que o mais ténue vislumbre de esperança
Não fora um raio de prazer, de glória
Que as névoas de meu pranto dissipasse?
Ah! não: esse mancebo é um desgraçado
Que só veio avivar as minhas dores
Com essa parecença enganadora

Que decerto não tem, mas que lhe acharam
Estes meus olhos cegos de saudades.

SACERDOTE

Contudo, esse estrangeiro... Há neste caso
O quer que seja de mistério oculto
Que é razão profundar. – Quem era o morto?

MÉROPE

Outro estrangeiro.

SACERDOTE

Estrangeiro... E donde?
De que parte?

MÉROPE

Era de Élide.

SACERDOTE

Que dizes!
São ambos estrangeiros, ambos vinham
De Élide! – Ah! se ora deles...

MÉROPE

É verdade,
É certo; o coração bem mo dizia.
Oh meu filho! – Ai de mim qual será deles?
Corramos a indagar... Sim, sim, voemos.

CENA VI

Mérope, o sacerdote; e Polidoro

(no fundo do teatro em atitude de grande dor)

MÉROPE *(indo a sair encara com Polidora)*

Mas uru homem, oh deus! – Somos traídos.

SACERDOTE

Um homem! Certamente algum espia.

MÉROPE

Quem és, que queres tu, a quem procuras?
 Que fazias aqui? Oh! quem te envia
 É Polifonte, dize. – Por piedade
 Não me percas, não, não...

SACERDOTE

Sonho... ou me iludo?
 É ele mesmo, é Polidoro,

MÉROPE

Deuses!
 Polidoro! Que ouvi? – És tu? Meu filho
 Onde estás, que fizeste, onde o deixaste?
 O que faz que não vem? – Quem o demora?
 É vivo? Já do pai conhece o nome?
 Já lhe ensinaste a amar-me, a ser bom filho?
 Assemelha-se muito ao meu Cresfontes?
 Fala, diz.

POLIDORO

Oh rainha!...

MÉROPE

Quê?

POLIDORO

Tu vives!
 Posso ainda beijar a mão augusta
 Da esposa do meu rei! Podem meus olhos
 Ainda ver-te, e os meus trementes lábios
 Falar-te ainda, ainda bendizer-te!
 Posso...

MÉROPE (*com desabrimento*)

Podes falar-me de meu filho.
 Vive? – Dize-me ao menos se ainda vive.

POLIDORO

Sim... vive.

MÉROPE

Vive? – Oh júbilo, oh prazeres
 Deste meu coração! – Ai Polidoro,
 Que amarga existência há sido a minha,
 Que vida cruelíssima hei vivido,
 Que azedume, que fel tingiu meu sangue,
 Que aperturas, que afogo, que saudades,
 Que dúvida cruel pior que tudo!
 Oh que agitados sustos, que temores
 Vida?... E vive na mãe sem ver seu filho?
 Vida!... Se eu tinha a morte dentro na alma.
 Mas dize-me: que é dele, onde o deixaste?
 Que faz, quem o demora?

POLIDORO (*aparte*)

Oh santos deuses!
 Como lhe hei-de dizer que não sei dele?

MÉROPE

Emudeceste? – Acaso... oh!

POLIDORO

É seguro
 Este lugar? Ninguém aqui nos ouve?

SACERDOTE (*depois de olhar por toda a parte*)

Ninguém: fala, mas baixo.

POLIDORO (*ajoelhando*)

Tem piedade
 Destas cãs, destes anos tão cansados.
 Minha velhice extenuada e débil
 Não pôde, não bastou a segurá-lo...
 Forcejei, mas em vão.

MÉROPE

O quê... que dizes?
 Desgraçada de mim!... Pois quê!... meu filho

POLIDORO

Oh malfadado velho! Oh que não pude
 Expirar eu de dor!

MÉROPE

Que ouvir! Que escuto!
 Bárbaro! que me dizes? que fizeste?
 O meu filho onde está?

POLIDORO

Prouvera aos deuses
 Que eu soubesse onde existe!

MÉROPE

Quê!... Não sabes?
 Mas viver?

POLIDORO

Vive... sim...

MÉROPE

Ah desgraçado!
 Levanta-te... Ai de mim!... Sabes ao menos
 Da sua vida decerto?

POLIDORO (*abraçando o túmulo de Cresfontes*)

Ó campá augusta,
 Ó do melhor dos reis sagradas cinzas!...
 O teu filho, e o meu... (meu também era)
 O teu filho... fugiu: no peito altivo
 Não lhe cabia o coração, há muito:
 A nossa habitação era pequena
 Para a sua grande alma. O despiado
 De mim não teve dó, nem dos meus anos:
 Fugiu-me de repente.

MÉROPE

Nem soubeste
 Para onde os passos dirigiu?

POLIDORO

Grão tempo
 Há que por toda a Grécia o ando buscando,
 Mas embalde corri.

MÉROPE

Oh caro filho!
 Ai! que será de ti sozinho e fraco,
 Desgarrado no mundo, sem arrimo,
 Sem mãe que te acarinho, que te amime;
 Talvez mendigo!...

SACERDOTE

O espirito sossega:
 Em teu filho vigia deus piedoso;
 Do alto dos Céus a destra onnipotente
 Os passos lhe dirige.

MÉROPE

Ah! que aos meus rogos
 Ao meu pranto continuo, aos meus suspiros,
 Se tão piedoso é o Céu, que mo conceda.
 Tantos dias passados, tantas noites
 No amargor da saudade, nos tormentos;
 De tudo receando!... Olha, hoje ainda
 Ao ver esse mancebo criminoso,
 Ao ouvir-lhe contar da triste morte
 Do infeliz estrangeiro...

POLIDORO

Um estrangeiro
 Morto! aonde?

MÉROPE

Vizinho da cidade.

POLIDORO

Justos deuses, que escuto! Ontem?

MÉROPE

Sim, ontem.

POLIDORO

Junto do rio?

MÉROPE

Submergiu nas águas
 O assassino cruel o como exangue.

POLIDORO

Santos nomes!

MÉROPE

Mas quê? tu estremeces!
Dize... talvez... minhas suspeitas... fala,
Desmaias!... desfaleces... Que pressinto!...

POLIDORO (*aparte*)

Mesquinho que farei, que hei-de dizer-lhe?

MÉROPE

Que murmuras contigo? fala, dize,
Fala comigo... fala... que receias?
Em que pensas? que sabes? quero ouvi-lo.
Ah! tira-me de dúvida,

POLIDORO

Não posso...
Falar... a voz... me falta... eu morro...

MÉROPE

Tremo...
Que aperturas... que horror... lá não me atrevo
A perguntar-te... Não quero sabê-lo.
Mas quero: fala, A vida que me importa.
Se mãe eu já não sou... Que ideia horrível!
Ah! tu sabes... O morto?...

POLIDORO

Eu... não sei nada.

MÉROPE

Fala, que mando eu.

POLIDORO

Conheces... mísera...
Tu... este... cinto?

MÉROPE

Este... oh Céus! que vejo!
 Que espectáculo horrível!... Tinto ainda
 Em sangue fresco... Eu morro... eu...

POLIDORO

Desgraçado!
 Ah! quando lho cingi... quem me diria
 Que em tal estado tomaria a vê-lo?

MÉROPE

Quem me diria que eras um infame,
 Indigno do depósito sagrado
 Que te entreguei por minha desventura.
 Dize: que é do meu filho! dize, pérfido:
 Não to dei eu aqui? não me juraste
 Guardar-mo?.. Foi aqui, foi neste sitio.
 Quê dele? Quê da fé que prometeste?
 E ousaste aparecer-me, e ousaste, louco,
 Aparecer à mãe sem dar-lhe o filho?
 O meu filho... o meu filho é morto! – E eu vivo!
 Vivo, hei-de viver para vingá-lo.
 Onde está esse pérfido estrangeiro,
 Esse bárbaro onde é que se oculta?
 Quero vingar-me, quero lacerar-lhe
 As entranhas, banhar-me no seu sangue,
 Quero...

SACERDOTE

Rainha, vê que...

MÉROPE

Nada vejo.
 Nada mais quero já, senão vingar-me.
 E depois expirar sobre esta campa.

(Partindo)

POLIDORO

Sigamo-la.

SACERDOTE

Piedade, santos deuses!

ACTO QUARTO

CENA I

Polidoro

Que farei, desgraçado, nestes sítios
 Onde tudo o que vejo me atormenta!
 Estas mesmas colunas, este templo,
 As mudas, frias pedras desta campa.
 Desta campa, ai de mim! onde se escondem
 As preciosas, venerandas cinzas
 Do melhor dos monarcas, de Cresfontes,
 Tudo parece erguer-se a perguntar-me
 Pela sua esperança derradeira
 Que lhe eu perdi, eu malfadado, eu mísero!

(Pausa)

Era aqui. – Vinha o povo alvorotado:
 E, à frente da ímpia soldadesca,
 Polifonte, vagando entre o tumulto,
 Despiedado excitava à mortandade,
 Passou ali, de sangue vai coberto...
 Ainda o vejo à negra luz dos fachos;
 Ouço o tinir dos ferros estridentes,
 Escuto ainda, vejo-a aqui... oh vista!
 A triste mãe, nos braços o filhinho
 Todo escorrendo lágrimas e sangue.
 Trémula a voz. os passos vacilantes,
 Cortada de terror, balbuciando
 Dizer-me: «Polidoro, corre, voa.
 Leva-o longe daqui... salva-mo, fuge
 Lembra-te que é meu filho e de Cresfontes.»
 E eu – amaldiçoado! – eu recebi-o,
 Fugi, pude salvá-lo, pude... oh deuses!
 Pude ser o maior dos desgraçados:
 Perdi-o; sim, perdi-o... – Foram co ele
 As esp'ranças da mãe e as de um Império.

(Pausa)

E vivo! – E esta velhice desonrada
 Não vem a morte que me livre dela!

(Cai como desfalecido sobre o túmulo)

CENA II

Egipto, Polidoro

EGIPTO *(sem o ver)*

Estará decidido o meu destino?
 Ai, que será de mim, só, desvalido.
 E culpado num crime – deus! num crime
 Por que todos me acusam, me detestam,
 Se inda uma vez ao menos eu pudesse
 Ver o meu triste pai! vê-lo, abraçá-lo,
 Ou uma vez sequer! – Porém diviso
 Junto àquele sepulcro...

POLIDORO *(sem o ver)*

Oh caro filho
 Tu morreste e eu vivo!

EGIPTO

Céus, que escuto.
 Que som de voz!

POLIDORO *(sem ver Egipto ainda)*

Oh morte!

EGIPTO

É ele mesmo.

POLIDORO *(voltando-se)*

Oh velhice infeliz!

EGIPTO

É ele...

POLIDORO *(vendo Egipto)*

Eu sonho!

(Ficam ambos algum tempo olhando-se com espanto; depois correm um para o outro)

EGIPTO

Meu pai...

POLIDORO

Meu filho...

(abraçam-se)

EGIPTO

Oh pai, tu nestes sítios?

POLIDORO

Filho, meu filho! E tu que infausto numa
Aqui te conduziu? Em que perigos.
Em que laço vieste enrevesar-te!
Tu és o criminoso que?...

EGIPTO

Sou esse.
Sou esse malfadado.

POLIDORO

Ah, fuge, fuge,
Fuge, infeliz: não sabes, não, que horrores
Te ameaçam aqui.

EGIPTO

Já nada temo.
Já te abracei, meu pai, agora venham
Sobre mim os castigos, os tormentos.
O mesmo rei não temo...

POLIDORO

Ah não é dele
Que eu temo agora.

EGIPTO

Pois quê, da rainha?
Essa julguei que não me aborrecia,
Parecia-me...

POLIDORO

Sim, mas fuge, fuge:
Ela só, ela quer a tua morte,

Talvez não tarde aqui – oh que destino!
 Se ela soubesse... oh deus!... se tu soubesses.
 Se... Mas o tempo corre... em breve... Ai fuge,
 Salva-te, filho, fuge às iras cruas
 Da rainha!

EGIPTO

Eu fugi-la, eu que a amo tanto,
 Fugir sua vingança, o seu castigo
 Quando ousei ofendê-la! – Não, não quero
 AJuntar novo crime aos meus delitos.

POLIDORO

Fuge, infeliz.

EGIPTO

Não fujo: venha embora,
 E farte no meu. sangue as suas iras,
 Sacie o seu furor.

POLIDORO

Que proferiste!
 Malfadado, que dizes! tu não sabes
 Que ela em ti quer vingar o filho.

EGIPTO

E era
 O que eu matei o filho da rainha?
 Tão ímpio fui, tamanho foi meu crime!

POLIDORO

Não... tu és inocente.

EGIPTO

Eu inocente,
 Eu coberto do sangue desse filho
 Que...

POLIDORO

Não era seu filho o que mataste.

EGIPTO

Mas... Não posso entender-te.

POLIDORO (*aparte*)

Por mais tempo

Já não devo ocultar-lhe o grão mistério.

(*Alto e abraçando-o a soluçar*)

Filho, recebe o derradeiro abraço.
O abraço paternal de um triste velho
Que te chamou... te amou como seu filho,
Filho... tão doce, tão querido nome
Pela vez derradeira inda to chamo.

(*Ajoelhando*)

Sim, e aos pés do meu rei me prostro agora.
Minhas lágrimas vê; correm de gosto.
O primeiro sou eu que te apelido
Por tão sagrado título. – Tu foste
O meu filho... Ah, perdoa que me esqueço...

EGIPTO

Levanta-te: que fazes! de joelhos
Tu a meus pés, oh pai!

POLIDORO

Já não sou esse,
Sou teu vassalo, és o meu rei agora.

EGIPTO

Quê!

POLIDORO

Tu és filho do infeliz Cresfontes.

EGIPTO

E Mérope?

POLIDORO

É tua mãe.

EGIPTO

E Polifonte?

POLIDORO

Usurpador, rebelde.

EGIPTO

E eu?

POLIDORO

És Egipto.
És de Messénia o rei.

EGIPTO

Se sou, qual dizes,
Sangue de Alcides... Mas que o sou já creio;
Sinto nas veias, sinto aqui no peito,
E neste ardor que o coração me inflama...
Vamos a castigar esse rebelde,
Vamos.

POLIDORO

Senhor, modera-te, ou perdido
Para sempre serás. Tua mãe...

EGIPTO

Sim, vamos
Abraçá-la primeiro.

POLIDORO

Oh Céus! que intentas?
Quê, descobrir-te a ela! E Polifonte?... Estás inerte e só...

EGIPTO

Tenho este braço,
O meu direito, e os deuses que o protegem.

POLIDORO

Não, por deus, não: fujamos destes sítios,

Fujamos... – Mas aonde, por que modo?
 E a rainha que não tarda aqui... e a triste
 Que julga morto o suspirado filho,
 E vem vingá-lo em si... – Mas ouve: escuto
 Ruído... É, é ela – Gente armada...
 Que aperturas! Aonde hei-de esconder-te.
 Como salvar-te às iras despiadas
 De tua própria mãe? – Se lhe descobro,
 Se lhe digo... perdido és para sempre.
 Se lho não digo, a desgraçada mata-te
 Sem piedade.

EGIPTO

Vai, deixa-me com ela:
 Deixa-me: eu dobrarei sua crueza,
 Ou morrerei contente por seu braço.
 Vai... Mas, oh não te exponhas tu aos olhos
 Dos sagazes ministros do tirano; Esconde-te,

POLIDORO

Eu? – E tu neste perigo?
 Daqui não vou.

EGIPTO

Esconde-te, ou eu mesmo
 A Polifonte corro e vou dizer-lhe,
 Declarar-lhe quem sou.

POLIDORO

Não, não, sossega:

Eu me oculto detrás destas colunas,
 E velarei por ti. Não lhe descubras
 A Mérope quem és. – E se outro modo
 Não houver de abrandá-la, eu no perigo Te acudirei,

CENA III

Mérope, Egipto, soldados, sacerdotes, sacrificadores, séquito

MÉROPE (*sem ver Egipto que está detrás de uma coluna*)

Soldados, procurai-o,
 Cumpri do vosso rei as ordens; ide,
 E prepare-se o augusto sacrifício
 Que aos não vingados manes de meu filho

Pretendo oferecer e aos do consorte.
 O meu filho de lágrimas! a última
 Esperança que os deuses me deixaram,
 O despiado ma cortou. – Oh, hei-de
 Sorver estas delicias da vingança
 Com que me pula o coração tão sôfrego.
 Hei-de vê-lo tremente, de joelhos
 Suplicar-me piedade... – A ti piedade,
 Compaixão para ti, monstro! – E o cutelo
 A brilhar-lhe nos olhos, e a agonia
 A apertar-lhe no peito desalmado,
 Aquele coração... Oh já me tarda.
 Angustia-me a sede da vingança:
 Quero saciá-la. Ide, ide buscar-mo;
 Lançai-lhe às mãos traidoras esses ferros.
 Quero...

EGIPTO (adiantando-se gravemente para Mérope)

Arredai esses grilhões inúteis
 Para cumprir as ordena da rainha
 Basto eu só, Dos soldados do tirano
 Não precisa a viúva de Cresfontes,
 De sobejo meus braços manietaram
 O seu pranto, as suas dores.

(Ajoelha)

De joelhos,
 Mas sem tremer, aqui me tens: o peito
 Descoberto aqui está. Fere; não peço,
 Não suplico piedade; satisfaz,
 Sacia neste sangue malfadado,
 Proscrito como o teu, a longa sede
 Da tardia vingança. Eis, fere:
 Hei-de contente receber o golpe.
 Como tu ninguém mais, só tu no mundo
 Sobre mim tens direitos tão sagrados.
 Sim, vinga o filho, vinga-o no meu sangue,
 Que eu hei-de abençoar a mão piedosa
 Da mãe que me castiga... Uma só graça
 Te imploro por mercê: é o derradeiro
 Favor que pedirei já nesta vida,
 E não posso morrer sem que mo outorgues.
 Dá que possam meus lábios moribundos
 Beijar a régia mão que há-de imolar-me:
 Deixa imprimir-lhe o ósculo da morte,
 E que o suspiro extremo...

(Vai a inclinar-se)

MÉROPE (*voltando-se para que a não vejam enternecer-se*)

Desgraçado!
A meu pesar o coração se amolga,
Enterneço-me... quase. quase o pranto
Dos olhos me desliza involuntário.
Que poder tem seus ditos na minha alma!
Retém-me o pejo só que o não abrace.
Infeliz!

EGIPTO

Ah! se ao menos, ó rainha,
Te pudesse mover meu triste fado;
E que antes de expirar visse em teus olhos
O mais leve sinal, um ténue indicio
De compaixão... de amor...

MÉROPE

Que encanto é este!
Oh que ilusão, que voz, que gesto aquele!

EGIPTO

Se uma vez, uma só vez... – Muito espero,
Muito ousado! – se uma vez o doce nome
Te pudesse chamar de mãe...

MÉROPE

Perverso!
Mãe!... Eu já não sou mãe... e por teu crime.

EGIPTO

Se tu de minha sorte condoída,
Vendo-me assim tão só, tão sem amparo,
Longe dos meus, dissesses por piedade:
«Filho!...»

MÉROPE

Que proferiste, desgraçado!
Filho... malvado! – Filho! eu tinha um filho;
E tu, tu foste que mo assassinaste,
Tu de minha piedade agora zombas.
Ah! esse nome a fúria me renova;
Tua sentença pronunciaste nele.

Morre.

(Toma o cutelo do sacrifício)

Mas que poder me afroixa o braço,
Qual invisível mão suspende a minha,
Que gelo pelas veias?...

EGIPTO

Ah que esperas?
Livra-me desta vida que me pesa:
E este sangue que é teu, que em teu serviço
Eu quisera verter – derrama-o, expie
O involuntário crime de meu braço.
Mas ouvir teus queixumes de orfandade,
Mas saber que sou eu a causa deles...
Oh poupa-me, rainha, esse tormento:
Melhor do que ele sofreria a morte.

MÉROPE

O que sinto, onde estou!

EGIPTO

Vinga o teu filho.

MÉROPE *(com esforço e resolução)*

Sim, o meu filho, sim o meu esposo
Vingados hão-de ser, – Manes queixosos,
Inultos manes de Cresfontes e Egipto,
Vinde, vinde, acorrei ao sacrifício,
Vinde, sombras queridas, neste sangue
Beber a longos tragos a vingança.
Este ferro guiai-o àquele peito,
Avigora-me o braço que fraqueia.
Que treme... –Ah! já vos sinto, já não tremo,
Ei-los. sim esperai. – Esposo, filho!
Filho!... – Tu foste, tu que mo mataste:
Morre.

CENA IV

Polidoro, Egipto, Mérope, etc.

POLIDORO

Que fazes, mísera! suspende.

MÉROPE

Quem ousa interromper o sacrifício?

POLIDORO

Desgraçada, que intentas?

MÉROPE

Eu, vingar-me.

POLTDORO

Cum parricídio?... oh Céus!

MÉROPE

Um parricídio
Vingar meu filho! – Ah, não: morre, malvado.

POLIDORO

Vingar o filho!... o filho!... Este é
O teu filho.

MÉROPE

Que dizes!

POLIDORO

Não morreu: – teu filho é este.

MÉROPE

Meu filho! Egipto! – Sonho?... A dor, o pranto,
O prazer me sufocam... – Filho, corre
Aos meus braços.

EGIPTO

Oh mãe! – Posso chamar-te,
Já posso proferir tão doce nome.

MÉROPE

Sim, és meu filho: neste peito, há muito,
Batendo o coração mo adivinhava.

Filho, querido filho!... Ah, não me cabe
 O excesso do prazer já dentro na alma:
 Afogam mais as lágrimas de gosto,
 – Filho que tantas dores me hás custado,
 Filho por que hei vertido tanto pranto,
 Filho, estás nos meus braços, no meu seio:
 Neles te aperto enfim... – Oh, venha a morte,
 Venha o tirano, que o não temo agora...
 Que disse!... Ai de mim se ele viesse,
 Se ele nos visse agora, se o malvado
 Pudesse descobrir que eras meu filho...
 Oh que...

POLIDORO

Senhora, Polifonte chega.

MÉROPE

Onde esconder-te? que farei...

POLIDORO

Já perto
 Chega...

MÉROPE

Meu filho, filho meu!

EGIPTO

Sossega:
 Não temas.

MÉROPE

Não temer!

POLIDORO

Finge, modera...
 Talvez... – Não é já tempo: desgraçada!

CENA V

Mérove, Egipto, Polidora, Polifonte, *etc.*

POLIFONTE

Estás vingada enfim, satisfizeste
 No sangue do malvado os teus furores?
 – Quê? vivo ainda o vejo! – e nele os olhos
 Sem rancor me parece que já fitas.
 Mudaste de tenção – ou meus soldados
 Não foram diligentes em servir-te,
 Em cumprir teus decretos? – Oh, lá prestes
 Executai as ordens da rainha.
 Segurai-o.

MÉROPE

Eu... enganei-me com seu crime;
 Iludi-me, pensei... Mas ele...

POLIFONTE

Morra:
 Tua muita piedade é que te ilude.

MÉROPE

Suspendei... Não sei, sei que não tem culpa.

POLIFONTE

(aparte) (alto)

Já conheço o mistério. – De teu filho
 O matador cruel... é inocente?

MÉROPE

Não. – Meu filho não era... o morto.

POLIFONTE

Como!
 O cinto, os sinais todos, e esse velho
 Que a mensagem fatal veio trazer-te,
 Tuas lágrimas... foi tudo fingimento?
 Feri.

MÉROPE

Senhor!... meu filho... vive ainda.
 Este...

POLIFONTE

É nova traição, é novo engano:
Morra.

MÉROPE

Oh que aperturas, que agonia!
Senhor, piedade...

POLIFONTE

Para quem piedade?
Um malfeitor, um pérfido assassino!
Pela vez derradeira vo-lo ordeno,
Soldados!

POLIDORO

Grande deus!

POLIFONTE

Feri.

MÉROPE

Suspende.

POLIFONTE

Não.

MÉROPE

Compaixão... Senhor!

POLIFONTE

Em vão suplicas.

MÉROPE

Ele é...

POLIFONTE

Feri.

MÉROPE

Malvado! ele é meu filho.

(Suspensão geral)

POLIFONTE

Teu filho! – É vão fingir: já te não creio.
Morrerá, e...

EGIPTO

Seu filho eu sou, tirano:
No furor que me anima o reconheço.
Solta-me os ferros, e verás.

POLIFONTE

Insano,
Que ousaste proferir! – Não vês, não temes
Que...

EGIPTO

Desprezo-te: não temo.

MÉROPE

Oh tem piedade,
Desculpa-lhe, Senhor...

EGIPTO

Não me desculpes
Eu não quero a piedade de um tirano.

POLIFONTE

Não a terás. – Feri.

MÉROPE *(abraçando-se com Egipto)*

Primeiro os ferros
Haveis de atravessar por este peito.
O coração da mãe rasgai primeiro
Para chegar ao coração do filho.
Bárbaros, que vos fez este inocente?
E tu, cruel, que não fartaste ainda
De nosso sangue a insaciável sede,
Satisfaze-te em mim, em mim te vinga.
– Mas vingar-te de quê?... Senhor, perdoa:

(ajoelha a Polifonte)

Vês a teus pés prostrada uma rainha:
 Minhas lágrimas súplices atende,
 Escuta estes soluços lastimados,
 Ouve o~ meus rogos; movam-te a piedade
 De tia mísera mãe as desventuras:
 Oh leva tudo o mais, deixa-me o filho,
 Deixa-me o filho, deixa-mo e eu te juro
 Que, sem mais pretender ao sólio avito.
 Iremos ambos longe de Messénia
 Ignorados viver: iremos ambos
 Ainda abençoar tua demência.
 Vive seguro tu sobre o teu trono,
 Vive e reina.

EGIPTO

Levanta-te, rainha.
 Tu prostrada a seus pés! Com essa infâmia
 Queres comprar a vida de teu filho!
 Oh minha mãe!

POLIFONTE

Pois bem, se ele é teu filho,
 Em tuas mãos está salvá-lo ainda.
 Se o não é, se fingidos são teus prantos,
 Já por tuas acções vou conhecê-lo. Adrasto!

(Adianta-se um da comitiva a quem fala em segredo; depois dirigindo-se aos guardas).

Vós levai-o em segurança.

MÉROPE

Bárbaro, e desta sorte é que?...

POLIFONTE

Sossega.
 A minha fé te dou que está segura
 A sua vida, e de ti só pende agora.

MÉROPE

Mas como?

POLIFONTE

Sabê-lo-ás em breve tempo.

CENA VI

Mérope, Egipto, Polidoro, soldados

MÉROPE

Justos deuses, que intenta este malvado?
Que será? – Oh meu filho!

EGIPTO

Oh mãe!

MÉROPE

Oh filho!

EGIPTO

Consola-te.

MÉROPE

Eu! eu consolar-me, filho,
Sem ti!

EGIPTO

Adeus!

MÉROPE

Adeus filho!... meu filho!

ACTO QUINTO

CENA I

Polidoro, Sacerdote, sacrificadores, etc.

(Polidoro está ajoelhado e suplicaste junto ao túmulo. O Sacerdote sai, acompanhado dos sacrificadores, pela porta principal do templo: pára no peristilo, e parece meditar profundamente, Polidoro, vendo-o, ergue-se e vai para ele. Ambos se adiantam para o proscénio tristes e silenciosos).

POLIDORO

Aqui neste lugar, aqui à face
Daquela monumento!

SACERDOTE

Aqui.

POLIDORO

Sem pejo
Dos homens, sem temor dos deuses, há-de
Consumar-se o espantoso sacrifício!
E tu hás-de erguer ao Céu as mãos piedosas
Para o abençoar?

SACERDOTE

Hei-de

POLIDORO

E não temes
Que surja dessa campa a formidável.
A despeitada sombra de Cresfontes,
Que a ti, ao filho, à esposa. que a nós todos
De horríveis maldições cubra e fulmine?

SACERDOTE

Não.

POLIDORO

Que dizes!

SACERDOTE

Que o filho de Cresfontes
 É preciso salvar, que há-de ser salvo,
 E que é pequeno todo o sacrifício,
 Que por tal se fizer.

POLIDORO

Supremos deuses!
 Tu que o conheces, ousas confiar-te
 Nas dolorosas promessas do tirano!
 Crés que naquela mão torpe de sangue
 Gabe a mão virtuosa da rainha,
 Que há-de impedi-lo que não trave logo
 Do punhal traiçoeiro e despiedado
 Para matar o filho? – Pura, e honrada
 Do respeito dos povos, não a acata;
 Pensas que há-de temê-la ou respeitá-la
 Quando, cheia de opróbrio e vilipêndio,
 A indigna viúva de Cresfontes
 Se prostituir de seu algoz no leito?
 – Coa ignomínia da mãe promete agora
 Remir a vida do inocente filho.
 Porquê? Porque inda teme que esse povo.
 Cansado de o sofrer, erga o terrível,
 O formidável brado de cem vozes,
 Que sempre anda no ouvido dos tiranos,
 Inda nas horas de mais paz. – o grito
 Que se ergue de repente e soa ao longe.
 E faz tremer o justo. o rei piedoso.
 O que fará o déspota! – Não ousa,
 Na presença do povo de Messénia,
 Matar o filho de seus reis não pode.
 Mas o enteado vil de Polifonte,
 A esse há-de impunemente assassiná-lo.
 Sabe que pode, e há-de fazê-lo,

SACERDOTE

É Certo.

POLIDORO

É certo! E então?...

SACERDOTE

E então, como estas minhas,
 Não te dizem as raras cãs da fronte
 Que a prudência e o conselho sossegado

São o valor dos velhos, Polidoro?
Que queres, co esse fogo de mancebo
No cérebro, – e o gelo da velhice
Nas mãos caducas, fazer tu agora?

POLIDORO

Quero cair na cova sem opróbrio.
A vida sim, a honra não caduca.
Os teus conselhos de prudência, guarda-os
Para ti, Bom conselho deste a Mérope;
Que tu só a aceitar a resolveste
O infame consórcio do tirano!
Pasma...

SACERDOTE

Não pasmes já. que não é tempo
Ainda. Vês aqueles que acompanham
Armados a rainha?

POLIDORO

São soldados
De Polifonte que, em fingida pompa
De cortejo, arrastada vêm trazendo
A vítima infeliz ao sacrifício.

SACERDOTE

Mas vêm armados?

POLIDORO

Certo, vêm.

SACERDOTE

E sabes
Se aquelas armas não vêm prontas hoje
A erguer-se contra quem as pôs na destra
Dos que supôs escravos, e são homens?
Que ordenou e regrou essas falanges
De tantos mil para uma só vontade,
Sem se lembrar que outra vontade pode
Mudar-lhe a direcção...

POLIDORO

Pois tu!... Perdoa

Ao meu zelo indiscreto – E sabe Mérope.
Sabe o príncipe acaso que?...

SACERDOTE

Não sabem.
Não o hão-de saber senão no instante
Em que estoírar o brado da vingança.
Que eu tanto concentro neste peito.
Silêncio chega Mérope uru só gesto
Podo perder-nos.

CENA II

Mérope, Sacerdote, Polidoro, séquito, soldados, *etc.*

MÉROPE

Eis-me resignada;
Cumpra-se em ruim segundo for vontade
Dos soberanos deuses. – Sacerdote,
A vitima aqui está, – e adornada

(Dá com os olhos no túmulo, e volta-se para o outro lado)

Destas galas fatais... Oh encobri-me.
Escondei-me esse mármore implacável
Em que a minha vergonha se reflecte.
Ai! prometi – para salvar o filho,
Prometi – consenti nesta vileza,
No infame sacrifício: mas já sinto.
Sinto de todo que me falta o ânimo;
Não posso...

SACERDOTE

Poderás, que a derradeira
Esperança da pátria é era ti agora,
E em teu ânimo, o ânimo do povo.
Tem valor, ó rainha, e salva o filho;
Salva o teu filho, deixa o resto aos deuses.

MÉROPE

E ele onde está? Meu filho! quero vê-lo.

CENA III

Polifonte, Mérope, Sacerdote, Polidoro, Egipto, *etc.*

POLIFONTE

Aqui o tens, ó Mérope, o teu filho.
 E aqui, ó povos de Messénia, vede
 Que entrego à viúva de Cresfontes,
 Com este dote, a minha mão – e a parte
 Do meu império a chamo. Assim confundo
 Os inimigos de meu trono, e apago
 Os sangrentos vestígios das passadas
 Dissensões, o pretexto derradeiro
 De futuras discórdias. Eia, o fogo
 No altar acendei, e o sacrifício
 Celebrai de concórdia e paz.

(O Sacerdote sobe ao peristilio; diante dele colocam no altar Mérope a um lado. Polifonte ao outro, Egipto ao pé dele).

SACERDOTE

Ouvi-me,
 Supremos deuses; e nesta hora grande
 E tremenda, aceitai o juramento
 Que ante vossos altares venerandos,
 E invocando o terrível testemunho
 De vossa fé, o povo de Messénia
 Aqui jaz. Ser fiéis juramos todos
 Ao nosso rei,

POVO

Juramos!

SACERDOTE

E o castigo
 Do parricida, do perjuro caia
 Sobre quem não guardar seu juramento.

POLIFONTE

Assim seja. – A tua mão, rainha, e firmem
 Esta aliança as bênçãos...

EGIPTO (tomando de repente o cutelo que esta sobre o altar, e colocando-se entre Mérope e Polifonte)

Não tem bênçãos
 O altar para o perjuro, o parricida.

POLIFONTE

A mim, soldados, eial

EGIPTO

A mim, soldados
Que sou o vosso rei, e vos liberto,
E vos vingo... – e no sangue do tirano

(Fere a Polifonte, que logo cai)

Lavo a afronta da pátria, a minha e a vossa.

SACERDOTE

É o vosso rei, saudai-o!

MÉROPE

Defendei-o:
É o meu filho, o filho de Cresfontes;

TODOS

Salve!

MÉROPE

Meu filho!

EGIPTO

Minha mãe!

POLIDORO

Oh dia
De triunfo! A teus pós, Senhor, agora
Posso morrer em paz e satisfeito,
Porque viram meus olhos esta glória,

EGIPTO

Vem a meus braços, pai; vem, tu que foste
Meu guia, meu amparo na desgraça
Não me abandones; em maior perigo
Estou agora: sou feliz – e reino.
Vem recordar-me – e vós lembrai-mo todos
A todo o instante – que subi ao trono
Precipitando dele a tirania.

Maior obrigação, dobrado encargo
Tenho de ser bom rei, maior castigo
Mereço, e mais atroz, se for tirano.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1999

<http://www.ipn.pt/literatura>
